

O trabalho reprodutivo na quarentena: uma perspectiva histórica

Marina Masetti, prof. De História do Brasil

O podcast da semana ‘Mulheres e pandemia’ tratou de um tema importante para pensar a realidade que vivemos durante o atual contexto mundial: a pandemia do coronavírus e suas implicações sociais. Isso porque nele pudemos ver que o isolamento social não afeta da mesma maneira os diferentes gêneros. Ao contrário disso, as diferenças nos papéis de gênero socialmente atribuídos interferem na forma como mulheres e homens cis e trans encaram o período. Partimos dessa visão para observar mais proximamente a trabalho doméstico-reprodutivo. Mas então o que é gênero? O que é o trabalho doméstico-reprodutivo? Como pensar esse trabalho de uma perspectiva histórica? E como ele afeta a vida das mulheres durante a pandemia?

O gênero é a categoria de análise, isto é, a ferramenta que utilizamos para investigar de que forma se organiza a relação entre os sexos¹. Isso quer dizer que o masculino e o feminino não foram sempre pensados como hoje, mas que a forma como entendemos homens e mulheres é historicamente construída e é relacional, ou seja, não se pode pensar o masculino sem o feminino, e vice-versa, já que a construção dessas categorias é feita a partir de sua oposição. Se aos homens é relegado o mundo do trabalho, às mulheres fica atribuída a esfera do lar, se aos homens cabe o pensamento racional, as mulheres são relacionadas ao outro polo: o irracional, o sentimental, e assim por diante. Assim, "gênero" tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de diferenciar a prática sexual dos papéis sexuais que são atribuídos às mulheres e aos homens, em contraposição à ideia de que esses seriam os papéis naturais e a-históricos (que não pertencem a um momento histórico específico, mas sempre fizeram parte da humanidade).

E qual é a importância de posicionar o gênero historicamente? Qual é a importância de entendê-lo como resultado de transformações históricas? Peguemos o caso da Camila, que deu seu depoimento no podcast: ela é dona de casa, esposa e mãe de dois filhos. A ela são atribuídos os trabalhos domésticos (lavar, passar, cozinhar) que se multiplicam durante o confinamento, bem como os trabalhos ligados à educação de seus filhos (ela comenta que precisa acompanhar as aulas com sua filha mais nova, supervisionar e ajudar nas tarefas escolares, enviar as lições de seus filhos, administrar os conflitos que acontecem dentro de casa). Assim, portanto, vemos que não apenas essas tarefas são imbuídas à mulher, mas

¹ Essas reflexões estão presentes no artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* de Joan Scott, publicado na Revista Educação e Realidade, das páginas 72 a 75.

que a diferença dos papéis sexuais estabelece uma hierarquia em que ela ocupa a posição de desvantagem em relação ao seu marido, que apesar de também viver em casa não parece ter responsabilidade sobre as tarefas domésticas.

Para analisar o trabalho doméstico nos baseamos no artigo *Saindo das Sombras? O Trabalho Reprodutivo na Quarentena*, de Marcela Piloto². A autora conceitua, a partir do trabalho de Silvia Federici, o trabalho doméstico-reprodutivo como “o cuidado da casa e da família que proporciona e assegura a sobrevivência desses indivíduos”, mas que desde o advento da Modernidade³, é entendido como vocação feminina. Ele passa por um duplo ocultamento: naturaliza-se esse trabalho como um destino biológico feminino, ao mesmo tempo em que ele é invisibilizado pelos habitantes masculinos da casa. Nesse sentido, pode-se afirmar que a casa num contexto normal é ideologicamente invisibilizada. Entretanto o trabalho doméstico, que só aparece quando não é feito, é colocado em evidência com a permanência das famílias em casa já que, mesmo no contexto de isolamento, ele é o único que não pode parar.

A causa da desvalorização do trabalho reprodutivo é precisamente a sua feminização em contraposição ao trabalho produtivo (aquilo que assumimos como trabalho de fato), que é o trabalho em fábricas, lojas, escritórios, escolas, que tem como objetivo satisfazer as necessidades da comunidade. Esse, relacionado historicamente como uma atividade masculina, recebeu em troca remuneração. Ainda que desde a décadas 1960 os movimentos de mulheres tenham reivindicado a inserção no mercado de trabalho e isso hoje já seja uma realidade, as mulheres ainda hoje ganham menos que os homens pelas mesmas tarefas no trabalho produtivo.

Por outro lado, é importante assinalar, que as mulheres negras desde a abolição da escravidão estiveram inseridas no mercado de trabalho, elas sempre precisaram trabalhar para se sustentar. Grande parte dos trabalhos que a que tiveram acesso no pós-abolição foram os trabalhos domésticos, que ainda em 2017 correspondiam a 14,6% dos trabalhos formais das brasileiras⁴. O Brasil é o país com maior população de empregadas domésticas no mundo, sendo que, segundo pesquisa realizada em 2015 pela Organização Internacional do Trabalho, 64% delas são pretas ou pardas. Portanto, a desvalorização do trabalho

² Disponível em <<http://gmarx.fflch.usp.br/boletim14>>

³ Período histórico que faz referência à criação de uma ordem política organizada em torno de um Estado, que centralizou o poder político, e de instituições que passam a controlar a vida social. A Modernidade é o período que sucede a Idade Média e a sua transição se inicia no século XVI, mas atinge seu auge na Revolução Francesa de 1789.

⁴ Dados disponíveis em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>

doméstico como trabalho remunerado também perpassa por questões raciais. Dessa forma, durante a pandemia as mulheres negras também se encontram em maior situação de vulnerabilidade: muitas delas trabalham como diaristas e o isolamento impede a continuidade de seu trabalho. Muitas delas também continuam trabalhando em meio à pandemia por uma classe média e alta que se recusa a realizar os próprios trabalhos de reprodução social. O prefeito de Belém do Pará chegou a considerar o serviço doméstico como “serviço essencial” durante lockdown decretado, dando a entender que antes a vida de algumas trabalhadoras do que a elite paraense lidando com as tarefas domésticas de reprodução da própria vida.⁵ Temos ainda como exemplo a primeira morte de coronavírus no Rio de Janeiro, em que a vítima, uma trabalhadora doméstica negra, continuou trabalhando na casa dos patrões ainda que eles tivessem detectado a doença, contraída após uma viagem internacional.⁶ Enquanto os patrões se curaram, a senhora de 63 anos, que não teve seu nome divulgado, veio a óbito. Assim o isolamento social afeta às mulheres de diferentes formas de acordo com as opressões raciais e de classe que também configuram uma hierarquização social.

Piloto propõe, portanto, que o confinamento poderia “tirar das sombras” esse trabalho que, apesar de fundamental, permanecia invisibilizado por sua não remuneração quando acontece no interior do próprio lar, ou então a baixa remuneração quando realizado como fonte de renda. As horas a mais gastas nas tarefas de reprodução da vida durante a quarentena escancararam a necessidade e o valor “desse trabalho continua, século após século, oculto e não remunerado”, o que seria a base da opressão feminina. A naturalização dessas tarefas como atribuições biológicas, portanto, seria parte de um projeto intencional de hiperexploração o trabalho feminino. Hoje com as mulheres inseridas no mercado de trabalho notamos as duplas e até triplas jornadas de trabalho, que permanecem durante a pandemia: cuidar da casa, dos filhos, o trabalho à distância, ou nos chamados “serviços essenciais”. Porém, nota-se que o isolamento social escancara as contradições por trás do discurso que pretende ocultar a sua importância e torna-lo apenas uma responsabilidade feminina.

⁵Lockdown no Pará tem serviço doméstico como 'essencial', contrariando governo federal e MPT. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/05/07/lockdown-no-para-tem-servico-domestico-como-essencial-contrariando-governo-federal-e-mpt.ghtml>

⁶ Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>

1) (ENEM-2014)

Maria da Penha

*Você não vai ter sossego na vida, seu moço
Se me der um tapa
Da dona “Maria da Penha”
Você não escapa
O bicho pegou, não tem mais a banca
De dar cesta básica, amor
Vacilou, tá na tranca
Respeito, afinal, é bom e eu gosto*

[...]

*Não vem que eu não sou
Mulher de ficar escutando esculacho
Aqui o buraco é mais embaixo
A nossa paixão já foi tarde*

[...]

*Se quer um conselho, não venha
Com essa arrogância ferrenha
Vai dar com a cara
Bem na mão da “Maria da Penha”*

ALCIONE. De tudo o que eu gosto. Rio de Janeiro:
Indie; Warner, 2007.

A letra da canção faz referência a uma iniciativa destinada a combater um tipo de desrespeito e exclusão social associado, principalmente, à(s)

- a) mudanças decorrentes da entrada da mulher no mercado de trabalho.
- b) formas de ameaça doméstica que se restringem à violência física.
- c) relações de gênero socialmente construídas ao longo da história.
- d) violência doméstica contra a mulher relacionada à pobreza.
- e) ingestão excessiva de álcool pelos homens.

2) (ENEM-2015)

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino.”

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980

Na década de 1960, a proposição de Simone de Beauvoir contribuiu para estruturar um movimento social que teve como marca o(a):

- a) ação do Poder Judiciário para criminalizar a violência sexual.
- b) pressão do Poder Legislativo para impedir a dupla jornada de trabalho.
- c) organização de protestos públicos para garantir a igualdade de gênero.
- d) oposição de grupos religiosos para impedir os casamento homoafetivos.
- e) estabelecimento de políticas governamentais para promover ações afirmativas.

3- (ENEM-2016)

TEXTO I



Tradução: “As mulheres do futuro farão da Lua um lugar mais limpo para se viver”.

Disponível em: www.propagandashistoricas.com.br. Acesso em: 16 out. 2015.

TEXTO II

Metade da nova equipe da Nasa é composta por mulheres

Até hoje, cerca de 350 astronautas americanos já estiveram no espaço, enquanto as mulheres não chegam a ser um terço desse número. Após o anúncio da turma composta 50% por mulheres, alguns internautas escreveram comentários machistas e desrespeitosos sobre a escolha nas redes sociais.

Disponível em: <https://catracalivre.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2016.

A comparação entre o anúncio publicitário de 1968 e a repercussão da notícia de 2016 mostra a

- elitização da carreira científica.
- qualificação da atividade doméstica.
- ambição de indústrias patrocinadoras.
- manutenção de estereótipos de gênero.
- equiparação de papéis nas relações familiares.

GABARITO: 1- C; 2- C; 3- D